

USP

Reitor Flávio Fava de Moraes
Vice-reitora Myriam Krasilchik

edusp

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente Sergio Miceli Pessoa de Barros
Diretor Editorial Plínio Martins Filho
Editor-assistente Rodrigo Lacerda

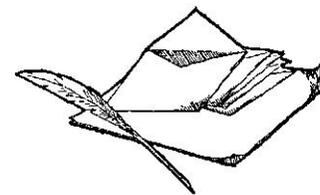
Comissão Editorial Sergio Miceli Pessoa de Barros (Presidente)
Davi Arrigucci Jr.
José Augusto Pentecado Aranha
Oswaldo Paulo Forattini
Tupã Gomes Corrêa

A. P. TCHEKHOV: CARTAS
PARA UMA POÉTICA

Sophia Angelides

1993
edusp

FRAGMENTOS DA CORRESPONDÊNCIA



CARTA 1

Para Aleksandr P. Tchekhov¹

Moscou, 20 de fevereiro de 1883

[...] Começarei pela forma da tua carta. Lembro-me de como você caçoava dos manifestos de nosso tio...² Era de si próprio que você caçoava. Teus manifestos rivalizam com os de nosso tio em pieguice. Neles há de tudo: “estrite nos braços”... “chagas da alma”... Falta apenas você se derramar em lágrimas... Se formos acreditar nas cartas de titio, ele, o tio, já há muito tempo deve ter se esvaído em lágrimas (província!...). Você lacrimeja do começo ao fim da carta... Em todas as tuas cartas, aliás, em todas as tuas obras... Chega-se a pensar que você e o nosso tio são feitos apenas de glândulas lacrimais. Não estou caçoando, não estou fazendo graça... Eu não teria tocado nessa lacrimosidade, nesse arfar de alegria e de dor, nessas chagas da alma etc., se elas não fossem tão inoportunas e nocivas. [...] Também nas tuas obras, você dá

1. Aleksandr Pávlovitch Tchekhov (1855-1913), irmão mais velho de Tchekhov, escritor e jornalista. Aleksandr era também formado em ciências exatas (física e matemática). Apesar das várias aptidões, teve uma vida apagada. Em 1883 era funcionário da alfândega de Taganrog. Em fins de 1886 iria trabalhar na redação do jornal *Nóvoie Vrêmia* (*Tempos Novos*), em São Petersburgo.

2. Tchekhov refere-se às cartas de seu tio Mitrofan Fígórovitch Tchekhov.

muita ênfase à miuçalha... No entanto, você não nasceu para ser um escrevinhador subjetivo... Isso não é inato, e sim adquirido... Renunciar à subjetividade adquirida é tão fácil quanto aprender o bê-á-bá... É suficiente ser apenas um pouco mais honesto: colocar-se à margem de tudo, não se enfiar nos heróis do romance, renunciar a si próprio nem que seja por meia hora. Você tem um conto em que um jovem casal se beija, geme, chove no molhado durante todo o almoço... Nenhuma palavra sensata, mas tão-somente uma *beatitude!* Você não escreveu para o leitor... Escreveu porque essa lengalenga *te dá* prazer. Descreva o almoço, de que maneira eles comeram, o que comeram, como é a cozinheira, como é vulgar o teu herói, satisfeito com sua felicidade indolente, como é vulgar a tua heroína, como ela é ridícula em seu amor por esse ganso bem alimentado e empanturrado, envolvido num guardanapo... Todos gostam de ver pessoas bem alimentadas e satisfeitas – isso é verdade, mas, para descrevê-las, não basta contar o que *elas* falaram e quantas vezes se beijaram... É necessário algo mais: é necessário rejeitar aquela impressão particular que a felicidade açucarada causa nas pessoas não exacerbadas... A subjetividade é uma coisa horrível. Ela já é ruim só pelo fato de denunciar o pobre autor da cabeça aos pés. Aposto que toda mulher de pope ou de escrivão que leu a tua obra é apaixonada por você. E se você fosse alemão, beberia cerveja de graça em todas as cervejarias em que há alemães trabalhando. Se não fosse essa subjetividade, esse choramingar, você daria um artista de altíssimo rendimento. Você sabe rir, zombar, ridicularizar tão bem, você tem um estilo tão redondinho, passou por tanta coisa, viu tanto... Ora! O material está se perdendo à toa. [...]

CARTA 2

Para Dmítri V. Grigoróvitch¹

Moscú, 28 de março de 1886

[...] Se eu tenho um dom que deve ser respeitado, confesso, perante a pureza de seu coração, que até agora não o respeitei. Eu sentia que o tinha, mas habituei-me a considerá-lo insignificante. Bastam razões de natureza puramente exterior, para que alguém seja organicamente injusto consigo mesmo, cheio de cismas e desconfianças... E, pelo que me lembro agora, tais razões

1. Dmítri Vassílievitch Grigoróvitch (1822-1889), escritor muito influente na época em que Tchekhov se iniciava na literatura. Foi Grigoróvitch quem chamou a atenção de A. S. Suvórin, diretor do *Nóvoie Vrémia* (*Tempos Novos*), o jornal mais poderoso de São Petersburgo, para os contos de Antocha Tchekhonté. Suvórin, por sua vez, reconhecendo o talento de Tchekhov, convidou-o a colaborar em seu jornal, no início de 1886. Em 25 de março de 1886, Grigoróvitch havia escrito a Tchekhov uma carta de elogio e incentivo, em que dizia ter se surpreendido com a originalidade e veracidade de um conto, cujo nome não se lembrava, assinado por Tchekhonté, publicado no jornal *Peterbúrgskaja Gazeta* (*Jornal de Petersburgo*), e, a partir de então, lia tudo o que saía publicado com essa assinatura. Entretanto, Grigoróvitch condenava o uso de pseudônimos, aconselhava Tchekhov a largar os trabalhos com prazo fixo, feitos às pressas, a fim de se dedicar com empenho à literatura, mesmo que isso implicasse passar fome, como ele próprio e os escritores de sua geração haviam passado.

tenho o suficiente. Todos os que me são próximos sempre tiveram uma atitude indulgente em relação às minhas atividades de escritor, e não cessavam de me aconselhar a não trocar a minha verdadeira profissão pela de escrevinhador. Tenho, em Moscou, centenas de conhecidos, entre os quais uns vinte escritores, e não consigo me lembrar de ao menos um que me lesse ou me visse como artista. Em Moscou, há o assim chamado "círculo literário": talentos e mediocridades de todas as idades e matizes reúnem-se, uma vez por semana, no reservado de um restaurante, e lá gastam suas línguas. Se eu lá chegasse e lesse apenas um pedacinho de sua carta, eles dariam risadas na minha cara. Durante os cinco anos de perambulação pelos jornais, tive tempo de me comenetrar da opinião geral a respeito da minha insignificância literária. Logo me acostumei a olhar os meus trabalhos com indulgência, e foi um deus-nos-acuda! Esta é a primeira razão... A segunda: sou médico e estou enfiado na minha medicina até o pescoço, de modo que o provérbio sobre os dois coelhos nunca atrapalhou tanto o sono de alguém quanto o meu.

Estou escrevendo tudo isto apenas para justificar um pouco, perante o senhor, a minha grave falta. Até agora mantive, em relação ao meu trabalho literário, uma atitude extremamente leviana, negligente e gratuita. Não me lembro de *nenhum* de meus contos em que eu tenha trabalhado mais do que um dia. "O Caçador", do qual o senhor gostou, escrevi numa casa de banhos! Tenho escrito os meus contos à maneira dos repórteres que tomam notas de incêndios: maquinalmente, meio inconsciente, sem a mínima preocupação nem com o leitor, nem comigo mesmo... Tenho escrito fazendo o possível para não desperdiçar, num conto, as imagens e os quadros que me são caros e que, só Deus sabe a razão, tenho poupado e escondido cuidadosamente.

O que primeiro me levou à autocrítica foi uma carta muito amável e, pelo que me parece, sincera, de Suvórin. Comecei então a me preparar para escrever algo razoável, mas, apesar de tudo, eu não estava confiante no meu valor literário.

Mas eis que, inesperadamente, chegou a sua carta. Desculpe a comparação, mas ela atuou em mim como um decreto governamental: "sair da cidade em vinte e quatro horas!", ou seja, de re-

pena, senti uma necessidade impreterível de me apressar, de sair mais depressa de onde estou atolado. [...]

Vou me livrar do trabalho com prazo fixo, mas não tão cedo... Não há possibilidade de eu sair do trilho em que me encontro. Não vejo nenhum inconveniente em passar fome, como, aliás, já passei, mas não se trata de mim... Dedico à atividade de escrever as minhas horas vagas, umas duas ou três horas por dia e um pouquinho da noite, ou seja, tempo apenas suficiente para um trabalho superficial. No verão, quando terei mais tempo livre e menos despesas, começarei a trabalhar seriamente.

Não é possível colocar o meu nome verdadeiro no livro², porque já é tarde: a vinheta está pronta, e o livro, impresso. Antes do senhor, muita gente de Petersburgo já havia me aconselhado a não estragar o livro com um pseudônimo, mas não dei atenção, provavelmente por amor-próprio. Não gosto nem um pouco do meu livro. É uma salada, um amontoado de trabalhinhos de estudante, depenados pela censura e pelos redatores das publicações humorísticas. Creio que, depois de lê-lo, muitos ficarão desapontados. Se eu soubesse que estava sendo lido e que o senhor estava me observando, eu não deixaria que publicassem esse livro.

A esperança está no futuro. Tenho apenas vinte e seis anos. Talvez eu ainda tenha tempo para fazer alguma coisa, embora o tempo passe depressa. [...]

2. Trata-se do segundo livro de Tchekhov, *Contos Multicóres (Piústrie Rasskázj)*, cuja primeira edição é de 1886.

CARTA 3

Para Aleksandr P. Tchekhov

Moscou, 6 de abril de 1886

[...] Todos os contos que você me enviou para entregar a Léikin¹ têm um forte cheiro de preguiça. Você os escreveu em um dia? De todo aquele amontoado, consegui selecionar apenas um conto excelente e de talento, [...]. Os argumentos são intoleráveis... Só a preguiça é capaz de escrever, para uma revista decente, sobre um pope que batiza uma criança numa pia batismal!... Uma preguiça que não raciocina, que trabalha de afogadilho, inutilmente... Onde é que você viu o casal que, em teu conto, almoça e fala de conferências... E onde há, sob a lua, tais conferências? Respeite-se a si mesmo, pelo amor de Deus! Deixe as mãos em paz quando o cérebro estiver com preguiça! Não escreva mais do que dois contos por semana, reduzindo-os, elaborando, para que teu trabalho seja realmente um trabalho. Não invente sofrimentos que você não experimentou, não desenhe quadros que você não viu, pois a mentira, num conto, é bem mais enfadonha do que numa conversa.

1. Nicolai Aleksándrovitch Léikin (1841-1906), escritor humorista e editor da revista *Oskóiki* (*Estilbaços*), da qual Tchekhov foi colaborador ente 1882 e 1887.

Lembre-se, a cada minuto, de que tua pena e teu talento te serão mais necessários no futuro do que atualmente, portanto, não os profane. Escreva e esteja atento, a cada linha, para não se estatelar...

Você já escreveu ao menos uma coisa que levasse mais tempo do que uma noite? Apenas "O Sonâmbulo"... Estou te perguntando, seu palhaço, já escreveu? É evidente que não! Não e não! Para você, a literatura não constitui um trabalho, no entanto, ela é um trabalho! Se você fosse uma pessoa honesta, se ficasse num conto (de cento e cinqüenta a duzentas linhas) uns cinco ou sete dias, então, sairia alguma coisa! Você não se reconheceria em tuas linhas, assim como agora não se reconhece no espelho²... Lembre-se de que você não está sobrecarregado de trabalho com prazo fixo e pode, portanto, dedicar algumas noites a um pequeno texto. [...] Concluo este sermão com um trecho da carta que há dias recebi de Grigoróvitch: "É preciso respeitar o talento, que é tão raro... guarde suas impressões para um trabalho meditado, elaborado, escrito não de uma assentada... O senhor logo obterá um prêmio e colocar-se-á num ponto visível aos olhos das pessoas sensíveis e, em seguida, de todo o público leitor..."

Outra grande autoridade, cujo nome é Suvórin, me escreve: "Quando se escreve muito, não é possível que tudo saia bom".

Uma terceira pessoa de destaque, nosso I. Grek (Bilíbin)³, me repreende paternalmente em suas cartas porque escrevo muito. Veja então, Sacha! [...]

2. Aleksandr havia escrito o seguinte: "O sofrimento moral fez de mim uma sombra do homem que fui outrora. Inclusive eu não me reconheço no espelho". Daí a comparação que Tchekhov faz.

3. Grek, pseudônimo de Víktor Víktorovitch Bilíbin (1859-1908), escritor humorista, colaborador da revista *Oskóiki*.

CARTA 4

Para Aleksandr P. Tchekhov

Moscou, 10 de maio de 1886

[...] “A Cidade do Futuro” é um tema esplêndido, tanto pela sua novidade quanto pelo interesse. Acho que, se você não tiver preguiça, escreverá algo bastante bom, mas só o diabo sabe como você é preguiçoso! “A Cidade do Futuro” só se tornará uma obra de arte nas seguintes condições:

1. ausência de palavrorio prolongado de natureza político-sócio-econômica;
2. objetividade total;
3. veracidade nas descrições das personagens e dos objetos;
4. brevidade extrema;
5. ousadia e originalidade – fuja dos chavões;
6. sinceridade.

Na minha opinião, as descrições da natureza devem ser *à propos*¹. Lugares-comuns do tipo: “O sol poente, ao se banhar nas ondas do mar que escurecia, inundava de ouro-rubro” e assim por diante; “as andorinhas voando sobre a superfície da água, chilreavam alegremente” – tais lugares-comuns devem ser abandonados.

1. Em francês, no original.

Nas descrições da natureza, é necessário se apegar a detalhes minúsculos, agrupando-os de tal forma que, após a leitura, quando se fechar os olhos, surja um quadro. Por exemplo, você obterá uma noite de luar se escrever que, no açude do moinho, um caco de garrafa quebrada cintilava como uma estrelinha, e a sombra negra de um cão, ou de um lobo, pôs-se a rodar como uma bola², etc. A natureza surgirá com vida se você não tiver objeção a comparar seus fenômenos com as ações humanas etc.

Na esfera psicológica, também os detalhes. Que Deus te proteja dos lugares-comuns. É melhor evitar a descrição do estado de espírito dos heróis; procure fazer com que ele seja percebido através das ações das personagens... Não é necessário sair em busca de muitas personagens. Como centro de gravidade, deve haver duas: ele e ela...

Escrevo isto para você como um leitor que tem um determinado gosto. Escrevo, também, para que você, ao escrever, não se sinta só. A solidão, no trabalho criativo, é uma coisa penosa. É melhor uma crítica ruim do que nada... Não é assim? [...]

2. Esse exemplo foi tirado do conto “O Lobo” (“Volk”), publicado em março de 1886, no *Peterbúrgskaia Gazeta*. Mais tarde, Tchekhov aproveitaria essa imagem na peça *A Gavota*, quando Treplióv se refere à maneira do escritor Trigórin descrever uma noite de luar.

CARTA 5

Para Maria V. Kisseliova¹

Moscou, 29 de setembro de 1886

[...] Evidentemente, não há necessidade de lhe assegurar que terei muito prazer em ser seu agente e cicerone literário². Essa incumbência lisonjeia-me a vaidade, e executá-la é tão fácil quanto carregar o seu balde quando você volta da pesca. Se lhe for indispensável conhecer as minhas condições, permita-me então:

1. Escreva o máximo possível! Escreva, escreva, escreva... até os dedos não agüentarem mais. [...]

2. Escreva sobre diversos temas, coisas cômicas e piégas, boas e ruins. Faça contos, miudezas, anedotas, chistes, trocadilhos etc. etc.

3. Adaptações de autores estrangeiros é algo plenamente lícito, mas apenas quando o pecado contra o oitavo mandamento não ferir a vista. [...] Evite os argumentos muito populares. Por mais broncos que sejam os senhores editores, não é fácil pro-

1. Maria Vladimirovna Kisseliova (1859-1921), escritora de histórias infantis, amiga de Tchekhov.

2. M. Kisseliova havia pedido a Tchekhov que a ajudasse a publicar nas revistas em que ele colaborava.

var o seu desconhecimento da literatura parisiense, sobretudo a de Maupassant.

4. Escreva de uma assentada, com total confiança em sua pena. [...]

5. Na pequena imprensa, a brevidade é reconhecida como primeira virtude. A melhor maneira de medir é usar o papel de carta (este mesmo em que estou agora escrevendo). Assim que chegar à oitava ou décima página – alto lá! Ademais, o papel de carta é mais fácil de enviar... São estas todas as minhas condições. [...]

CARTA 6

Para Maria V. Kisseliova

Moscou, 14 de janeiro de 1887

[...] Permita-me agora dar uns arreganhos em resposta à sua crítica... Mesmo o seu elogio ao "A Caminho"¹ não aplacou a minha cólera de autor, e quero logo me vingar do que você diz sobre o "Limo"². Proteja-se e segure-se com força no espaldar da cadeira para não cair desmaiada. Bem, estou começando...

Todo artigo crítico, mesmo ofensivo e injusto, é, em geral, recebido com uma reverência muda – esta é a etiqueta literária... Não se admite responder, e aqueles que respondem são acusados, com razão, de excessivo amor-próprio. Mas como sua crítica tem o caráter de "uma conversa à noite, no alpendre de Bábkin ou no terraço da mansão, na presença de Ma-Pa, do Moedeiro Falso

1. O conto "A Caminho" ("Na Puti") havia sido publicado no jornal *Nóvoie Vrémia*, de 25 de dezembro de 1886, tendo feito grande sucesso em São Petersburgo.
2. Kisseliova havia criticado violentamente o tema do conto "O Limo" ("Tina") de Tchekhov, publicado no jornal *Nóvoie Vrémia*, em outubro de 1886. Segundo ela, Tchekhov havia posto em evidência o lado sujo da vida. Em sua carta, Kisseliova dizia, também, que seria grata ao escritor que retirasse dos montes de estrume a boa semente, embora o mundo estivesse fervilhando de malditos e malditas.

e de Levitan"³, e porque ela, ao ultrapassar o aspecto literário do conto, leva a questão para um âmbito geral, eu não infringirei a etiqueta, se me permitir continuar a nossa conversa.

Antes de mais nada, eu, tanto quanto você, não gosto da literatura com a tendência a que estamos nos referindo. Como leitor e pequeno-burguês, eu a evito de bom grado, mas se você pedir a minha opinião sincera e honesta a respeito dela, direi que a questão sobre o seu direito de existir ainda está aberta e não foi resolvida por ninguém [...]. Nem eu, nem você, nem os críticos do mundo inteiro, possuímos dados seguros para ter o direito de refutar essa literatura. Não sei quem está com a razão: Homero, Shakespeare, Lope de Vega, os antigos em geral, que não temiam remexer no "monte de estrume", mas que eram bem mais firmes do que nós em atitudes morais, ou os escritores de hoje, solenes no papel, mas frios e cínicos na alma e na vida? Não sei quem tem mau gosto: os gregos, que não se acanhavam em celebrar o amor tal como ele existe de fato na magnífica natureza, ou os leitores de Gaboriau, de Marlitt, de Pierre Bobo?⁴ Da mesma forma que as questões sobre a não-resistência ao mal, o livre-arbítrio etc., esta questão só poderá ser resolvida no futuro. Podemos apenas mencioná-la, mas resolvê-la seria sair dos limites da nossa competência. A referência a Tolstói e Turguêniev, que evitaram o "monte de estrume", não esclarece essa questão. A repulsa deles não prova nada, pois houve, antes deles, uma geração de escritores que considerava imundície não apenas "os malditos e as malditas", mas até mesmo a descrição de mujiques e de funcionários não graduados. Além disso, um período, por mais florescente que seja, não nos dá o direito de tirar conclusões a favor desta ou daquela ten-

3. Ma-Pa: apelido de Maia Pávlovna Tchékhoa, irmã de Tchekhov. Moedeiro Falso: o cachorro de Kisseliova. Levitan: Isaac Ilitch Levitan (1861-1900), famoso pintor impressionista russo, amigo de Tchekhov.
4. Émile Gaboriau (1835-1873), escritor francês muito popular, autor de romances policiais. Foi o criador da personagem Lecocq.
E. Marlitt: pseudônimo da escritora alemã Eugênia John (1825-1887).
Pierre Bobo: pseudônimo do escritor Piotr Dmitrievitch Bororikin (1836-1922), muito popular na época.

dência. A alusão à influência corruptora da tendência mencionada também não resolve a questão. Tudo neste mundo é relativo e aproximativo. Há pessoas que serão corrompidas até pela literatura infantil, que têm um prazer especial em ler as passagens picantes dos Salmos e dos Provérbios de Salomão; há também aqueles que, quanto mais conhecem a imundície da vida, mais puros se tornam. Os jornalistas, os juristas e os médicos, que foram iniciados nos segredos do pecado humano, não são vistos como imorais; os escritores realistas muitas vezes têm mais moral do que os arquiandritas. Além disso, afinal, nenhuma literatura consegue sobrepujar o cinismo da vida real. Não é com um pequeno cálice que você vai embriagar um bebedor que já tomou um barril inteiro.

2. Que o mundo esteja "fervilhando de malditos e malditas", é verdade. A natureza humana é imperfeita e, portanto, seria estranho ver na terra apenas os justos. E pensar que o dever da literatura consiste em desenterrar a "semente" de um monte de malditos, significa negar a própria literatura. A literatura artística é denominada artística porque descreve a vida tal como ela é na realidade. Seu objetivo é a verdade absoluta e honesta. Reduzir sua função a uma especialidade, como a extração de "sementes", seria para ela tão mortal quanto obrigar Levitan a pintar uma árvore, proibindo-o de tocar numa crosta suja e numa folha amarelecida. Concordo que a "semente" é uma coisa boa, mas o escritor não é confeiteiro, nem maquiador, nem animador de espetáculos. Ele é uma pessoa empenhada, contratada pelo seu sentimento de dever e pela sua consciência. Quem entra na dança tem que dançar; por mais horrível que seja, ele é obrigado a combater o seu asco, sujar a sua imaginação com a imundície da vida... Ele é como um simples repórter. O que você diria se um repórter, por repulsa ou desejo de proporcionar satisfação aos seus leitores, descrevesse apenas perfeitos honestos, damas sublimes e ferroviários virtuosos?

Nada na terra é impuro para os químicos. O escritor deve ser tão objetivo quanto um químico. Ele deve renunciar à subjetividade da vida cotidiana e saber que os montes de estrume desempenham um papel muito respeitável na paisagem, e que as paixões ruins são tão inerentes à vida quanto as boas.

3. Os escritores são filhos do seu tempo e, portanto, devem, como também o resto do público, submeter-se às condições exteriores da sociedade. Assim, devem ser absolutamente corretos. É apenas isto que temos o direito de exigir dos realistas. Aliás, você não diz nada contra a elaboração e a forma do "Limo"... Pois então fui correto.

4. Confesso que, quando escrevo, raramente converso com a minha consciência, o que se explica pelo hábito e pela insignificância do meu trabalho. Por isso, quando exponho uma ou outra opinião sobre literatura, eu não me levo em conta.

5. Você escreve: "Se eu fosse o editor, devolver-lhe-ia esse folhetim, para o seu próprio bem". Por que então não ir mais longe? Por que não responsabilizar os próprios editores que publicam tais contos? Por que também não fazer uma repreensão severa à Direção Geral da Imprensa, que não interdita os jornais imorais?

Seria lamentável o destino da literatura (da grande e da pequena) se a deixassem à mercê da arbitrariedade das opiniões pessoais. Isto em primeiro lugar. Em segundo lugar, não há polícia que se considere competente em assuntos literários. Concordo que não se pode tirar os freios nem o bastão, pois até a literatura está infiltrada de trapaceiros. Entretanto, por mais que você pense, não encontrará para a literatura uma polícia melhor do que a crítica e a própria consciência dos autores, pois, desde que o mundo foi criado, estão procurando mas não conseguiram encontrar nada melhor...

Você então desejaria que eu sofresse um prejuízo de 115 rublos e que o editor me deixasse desconcertado. Algumas pessoas, inclusive seu pai, estão entusiasmadas com o conto. Outras estão enviando cartas injuriosas a Suvórin, com toda espécie de insultos, tanto para o jornal quanto para mim etc. Quem é que tem razão? Quem é o verdadeiro juiz?

6. Mais adiante, você escreve: "Deixe que coisas desse tipo sejam escritas pelos pobres de espírito e pelos escrevinhadores desafortunados, tais como Okreits, Pince-nez, Aloe..."⁵ Que Alá

5. Okreits: jornalista contemporâneo de Tchekhov. Pince-nez: pseudônimo de Kisseliova. Aloe: um dos pseudônimos de Aleksandr Pávlovitch Tchekhov.

a perdoe, se você escreveu estas linhas com sinceridade! Um tom desdenhoso e indulgente em relação aos pequenos, apenas porque são pequenos, não enobrece o coração humano. Na literatura, as pequenas patentes são tão necessárias quanto no exército. É isto que diz a cabeça, e o coração deve dizer ainda mais...

Ufa! Cansei-a com a minha lengalenga... Se eu soubesse que a minha crítica iria sair tão grande, não me teria posto a escrever... Desculpe, por favor! [...]

Você leu o meu "A Caminho"... Então, gostou da minha coragem? Escrevo sobre "coisas inteligentes" e não tenho medo. Em Péter⁶, fez um furor estrondoso. Um pouco antes, eu havia tratado da "não-resistência ao mal" e também surpreendi o público⁷. Todos os jornais, em sua edição do Ano-Novo, me elogiaram e, no número de dezembro da *Rússkoe Bogatstvo*, em que está publicado Leão Tolstói, há um artigo de Obolênski (duas folhas impressas), com o título "Tchekhov e Korolenko"⁸. O rapaz está entusiasmado comigo e demonstra que sou mais artista do que Korolenko... É provável que ele esteja mentindo, mas, apesar de tudo, estou começando a ver em mim um mérito: sou o único que, sem ter publicado nada nas revistas grossas⁹, escrevendo apenas bobagens para os jornais, atraiu a atenção dos críticos orelhudos. Até agora, não houve exemplo semelhante... A *Nabliudátel*¹⁰ me insultou, e deram-lhe um pega por causa disso. No fim de 1886, eu me sentia como um osso atirado aos cães. [...]

6. Diminutivo de São Petersburgo.

7. Trata-se de um conto que havia sido publicado no jornal *Nóvoie Vrémia*, em novembro de 1886, com o título "A Irmã" ("Sestrá"). Anos depois, na edição das *Obras Reunidas*, esse conto saiu com o título "Gente Boa" ("Khoróchie Liúdi").

8. O crítico L. E. Obolênski havia feito uma comparação entre Tchekhov e Korolenko na revista *Rússkoe Bogatstvo* (*Riqueza Russa*), dizendo que os argumentos de Korolenko eram artificiais e inventados, ao passo que as narrativas de Tchekhov seguíam a tradição de Gógol, Gontcharóv e Tolstói, os quais não inventavam seus argumentos, mas os tiravam da vida.

9. As chamadas "revistas grossas" são periódicos, geralmente mensais, com matérias literárias, críticas ou científicas.

10. *Nabliudátel* (*Observador*), revista literária, política e científica.

Escrevi uma peça de quatro folhas tipográficas. Ela será representada em quinze ou vinte minutos¹¹. É o menor drama do mundo. Vai ser interpretada pelo famoso Davidov¹², que está agora trabalhando no Teatro de Korch¹³. A *Saison*¹⁴ a está publicando e, por isso, ela será espalhada por toda parte. Em geral, é muito melhor escrever coisas pequenas do que grandes: há pouca pretensão e fazem sucesso... é necessário mais do que isto? Escrevi o meu drama em uma hora e cinco minutos. Comecei outro mas não terminei, pois não tenho tempo. [...]

11. Trata-se da peça de um ato *O Canto do Cisne*. Esta peça é, na verdade, adaptação de um conto de Tchekhov, cujo título é "Kalkhas".

12. Vladímir N. Davidov (1849-1925), ator teatral de grande fama na época.

13. Fiódor A. Korch (1852-1923), dramaturgo e proprietário do Teatro Dramático Russo, em Moscovo, conhecido como Teatro de Korch, onde seria montada a primeira versão da peça *Ivanov*, em novembro de 1887, e *O Canto do Cisne*, em fevereiro de 1888.

14. Coletânea dedicada às artes.

CARTA 7

Para Mitrofan E. Tchekhov¹

Moscou, 18 de janeiro de 1887

[...] Preciso lhe dizer que, em Petersburgo, sou agora o escritor da moda. É o que se percebe pelos jornais e revistas, que, no fim de 1886, se ocuparam de mim, manipularam o meu nome de todas as maneiras e exaltaram-me mais do que mereço. Como resultado do crescimento da minha reputação literária, está surgindo uma grande quantidade de encomendas e de convites e, a seguir, um trabalho redobrado e cansaço. Meu trabalho é enervante, inquietante e exige tensão... Ele é público e de responsabilidade, o que o torna duplamente árduo... Cada referência, nos jornais, a meu respeito, inquieta tanto a mim como a minha família... Em dezembro, por exemplo, na revista *Rússkoe Bogatstvo*, apareceu um artigo do crítico Obolênski com o título "Tchekhov e Korolenko", onde, em quinze ou vinte páginas, o crítico me eleva aos céus e demonstra que sou superior e melhor do que o outro jovem escritor, Korolenko, cujo nome está tendo repercussão em ambas as capitais. Esse artigo causou alvoroço em nossa casa. O *Nóvoie*

1. Mitrofan Egórovitch Tchekhov, tio de A. P. Tchekhov, ao qual ele se refere na Carta 1. Mitrofan Egórovitch morava em Taganrog, onde Tchekhov nasceu.

Vrêmia e o *Peterbúrgskie Védomosti*, dois grandes jornais de Petersburgo, também manipulam o nome de Tchekhov... Meus contos são lidos em público, nos saraus. Em todos os lugares onde apareço, sou apontado com o dedo; os conhecidos são tantos que não me dão sossego etc. etc... Não há um dia tranqüilo, e a cada minuto a gente se sente como que sobre agulhas. [...]

Já quase não trabalho nas revistas humorísticas, pois elas não servem para a leitura. Não gosto delas. Meu trabalho mais sério está no *Nóvoie Vrêmia*. [...]

CARTA 8

Para Aleksandr P. Tchekhov

Bábkino, 21 de junho de 1887

[...] Eu próprio acho simpático o suplemento da estepe¹, justamente pelo seu tema, que vocês, patetas, não descobriram. É um produto da inspiração. Uma *quasi* sinfonia.

No fundo é uma bobagem. Agrada ao leitor por causa de uma ilusão de óptica. Todo o truque está nos ornamentos postiços, como as ovelhas, e no arranjo das frases. Pode-se escrever até sobre borra de café e impressionar o leitor através de truques. [...]

1. Alusão ao suplemento do jornal *Nóvoie Vrêmia*, que havia publicado, em 6 de junho, o conto de Tchekhov "Felicidade", cuja ação se passa na estepe. Aleksandr havia escrito que o suplemento da estepe "estava fazendo sucesso em São Petersburgo".

CARTA 9

Para Aleksandr P. Tchekhov

Moscou, 6 ou 7 de outubro de 1887

[...] Peça a Fiódorov ou a Bejétski¹ para colocar, na crônica teatral, a nota: "A. P. Tchekhov escreveu *Ivanov*, comédia em quatro atos. Ao ser lida num dos círculos literários de Moscú (ou algo no gênero), ela causou uma fortíssima impressão. O assunto é novo, as personagens, bem marcadas etc." É uma nota comercial.

Minha peça saiu leve como uma pluminha, sem nenhuma prolixidade. O argumento não é corriqueiro. Provavelmente vou encená-la no Teatro de Korch² (se este não for avarento).

É só. Trate da nota. Ela fará aumentar o preço. Na nota, não é necessário elogiar. Limite-se aos lugares-comuns. [...]

1. Jornalistas do *Nóvoie Vrêmia*.

2. *Ivanov* seria encenada em 19 de novembro de 1887.

CARTA 10

Para Aleksandr P. Tchekhov

Moscou, 10 ou 12 de outubro de 1887

[...] Escrevi a peça por acaso, após uma conversa com Korch¹. Fui me deitar, imaginei um tema e escrevi. Gastei duas semanas nela ou, mais exatamente, dez dias, pois, nas duas semanas, houve dias em que não trabalhei ou escrevi outras coisas. Não posso julgar as qualidades da peça. Desconfio que ela tenha saído curta. Todos gostaram dela. Korch não encontrou nenhum erro e nenhuma infração contra a cena – prova de que meus juízes são bons e delicados. Foi a primeira vez que escrevi uma peça², *ergo*, os erros são obrigatórios. O argumento é complicado e não é tolo. Ter-

1. Trata-se da peça *Ivanov*.

2. Na realidade, entre 1878 e 1881, ele já havia escrito uma peça de quatro atos, que só seria publicada postumamente, em 1923, com a indicação "Peça inédita de A. P. Tchekhov". Mais tarde, seria dada a essa peça o título *O Órfão (Bezotsóvchichina)*, ou ainda *Peça sem Título (Piessa Bez Nazvâniâ)*, dependendo da edição em que se encontra. No Ocidente ela é conhecida como *Platonov*. Além dessa peça, ele havia escrito, em 1885, um estudo dramático de um ato, *Na Estrada Real (Na Bolchói Dorogû)*, cuja publicação havia sido censurada, e, em 1886, a primeira versão do monólogo *Sobre os Malefícios do Tabaco*, além de *O Canto do Cisne*, em 1887 (v. Carta 6). Entretanto, *Ivanov* foi a primeira de suas peças a ser encenada.

nino cada ato como os meus contos: conduzo o ato inteiro de maneira tranqüila e mansa, mas no final dou um tapa na cara do espectador. Usei toda a minha energia em alguns trechos realmente fortes e vivos, mas as pontes que ligam esses trechos são insignificantes, frouxas e estereotipadas. Apesar de tudo, estou contente. Mesmo que a peça seja ruim, criei um tipo que tem uma significação literária, criei um papel que só pode ser interpretado por um talento como Davidov, um papel em que o ator pode se expandir e mostrar o seu talento... Pena que eu não possa ler para você a minha peça. Você é uma pessoa leviana, de pouca experiência, mas tem muito mais frescor e um ouvido muito mais fino do que todos os meus bajuladores e blasfemadores moscovitas. Tua ausência é para mim uma grande perda.

A peça tem catorze personagens, das quais cinco são mulheres. Sinto que as minhas damas, com exceção de uma, estão insuficientemente elaboradas. [...]